

## “SINAIS AO MERCADO”. A QUEM SERVE?

Por sociodialetica, às 17:32 | [link do post](#) | [comentar](#)

“É preciso dar sinais ao mercado” é uma das palavras de ordem da política contemporânea.

Está certo. Os Estados com reduzida capacidade de intervenção económica, menos poderosos que muitas das empresas internacionais, que juraram serem fiéis à livre circulação dos capitais, que pertencem à Organização Mundial do Comércio, que sonharam viver à sombra dos credores internacionais, que incorporaram nas suas estruturas os “senhores do dinheiro”, esses Estados precisam de agradar a quem os sustenta.

É certo que desde 2008 se têm mostrado bem comportados, ao aproveitarem o dinheiro dos contribuintes e dos utilizadores dos serviços públicos para salvarem banqueiros e especuladores, hipotecando a sobrevivência futura. Mas o respeito pelos que mandam nunca é de mais.

Contudo, dou comigo muitas vezes a pensar no que é “dar sinais ao mercado”. Apesar de uma longa vida familiar tenho a experiência de não conseguir transmitir à minha esposa, lúcida e inteligente, os sinais que pretendo: apago ostensivamente as luzes inutilmente acesas, mostro que tapei a pasta de dentes, fecho a porta que gera uma corrente de ar. Faço isso há anos, mas terei que continuar a fazer porque os sinais não produzem resultados. Será que os mercados são mais racionais que o companheiro de uma vida?

Pergunta inútil porque todos sabemos que Deus é onisciente.

Mesmo assim pergunto: qual é a reacção que o Deus Mercado pode ter aos sinais que o Estado lhe transmite?

Quando se não cumpre o contrato existente entre o Estado e os seus funcionários, quando se viola o compromisso de longo prazo que são as reformas, que sinal se transmite? Que o Estado está a cortar nas despesas ou que o Estado não é pessoa de bem porque não cumpre os contratos? Quando se aumentam os impostos, sobretudo sobre a classe média, que sinal se transmite? Que o Estado está a aumentar as suas possibilidades de pagamento futuro ou que está a liquidar paulatinamente a classe média, agravando a instabilidade social futura? Quando o Estado corta na Educação, na Investigação Científica, na Saúde e na Cultura que sinal se transmite? Que o Estado está a racionalizar as despesas ou que o Estado está a diminuir a sanidade social e a capacidade produtiva futuras, a afundar a competitividade?

Pergunta mais uma vez inútil porque hoje o tempo é de curto prazo. Um tempo balizado pelas eleições, pulsando ao sabor das cotações na bolsa e das taxas de juro, dos bónus de produtividade, da durabilidade da informação privilegiada, da ilusão de se enganar o futuro.

Mesmo assim pergunto: é esse mundo sem estratégia, sem homens comuns, sem futuro colectivamente construído que nós queremos?

**Partilhar** [Email](#)



Etiquetas: [estado](#), [mercado](#), [sinais ao mercado](#), [tempo](#)

« [POST ANTERIOR](#) [INÍCIO](#) [POST SEGUINTE](#) »

## 4 COMENTÁRIOS:

Recomendo-te vivamente que continues a apagar as luzes e a fechar as portas. No fundo, vocês homens gostam todos de fazer isso. Está inscrito geneticamente, seguramente :) Quanto ao facto de, apesar de ostensivos, os sinais não serem traduzidos, segundo a tua análise, em réplicas de comportamentos, está descansado: as mulheres, para além de darem à luz, também as apagam inúmeras vezes, todos os dias... quando os homens não estão em casa. Quando estão, temos que os deixar fazer

alguma coisa... :)

Mas falemos dos outros sinais, os do Estado. Concordo quando falas de quem manda neste mundo e que estamos todos a contribuir para que quem deveria pagar continue a ganhar milhares de milhões de euros e de dólares. Já não concordo quando falas dos sinais que o Estado dá. Todos sabemos que o momento não está para brincadeiras e que o caso português não é diferente de muitos outros. E só não se fala da dívida dos Estados Unidos nem da Inglaterra porque têm as costas bem guardadas. Os sacrifícios que são pedidos são injustos porque quem causou toda a crise financeira e económica não está a paga-la mas sabemos que se não fossem estas medidas o que nos esperaria seria muito pior.

Esperemos que se confirme que a crise é para três anos e podemos retomar alguma normalidade posteriormente

O que eu temo mesmo são duas coisas: a nível interno a possibilidade de instabilidade política e as suas consequências nomeadamente a possibilidade de entrarmos numa época de políticas liberais e ultra liberais; a nível externo, sobretudo europeu, preocupa-me a força que os partidos de extrema direita estão a ganhar em todas as frentes. É que a crise torna os discursos redondos e apelativos nomeadamente para os jovens que não têm determinadas memórias.

**O meu olhar** a 13 de Março de 2011 às 20:27

[responder](#) | [link do comentário](#) | [discussão](#)

Preocupações justas. Apenas duas perguntas:

(1) O que é "estabilidade versus instabilidade"? Não pode a "estabilidade" para alguns ser a "instabilidade" para muitos?

(2) Não será o divórcio entre o Estado (aparelho político) e a sociedade um dos mais importantes processos de abrir o caminho a ditaduras? A política actual (desde que ser político é um emprego, exercido sem ideais, gerindo-se o Estado



como se fosse uma empresa, olhando para os homens como números) não tem criado esse divórcio? A política neoliberal da UE, a começar pelo Banco Europeu, não é um estímulo às ditaduras "a bem da nação"?

**sociodialectica** a 14 de Março de 2011 às 15:13

[responder](#) | [link do comentário](#) | [início da discussão](#) | [discussão](#)

Concordo plenamente que a política neoliberal da UE é um estímulo, consciente acrescento eu, às ditaduras a bem da nação. O que me preocupa são, face ao panorama actual, as alternativas e, sinceramente, acho que o quadro é negro, muito negro.

**O meu olhar** a 14 de Março de 2011 às 23:27

[responder](#) | [link do comentário](#) | [início da discussão](#)

A crise é estrutural. enquanto não mudarmos de paradigma estaremos dada a nossa dimensão sujeitos a importar crises, dramas e juntar isso ao que por cá já vai passavelmente mal.

eu diria que vivemos num país que ainda não assumiu as escolhas óbvias que tem de fazer. Não quero o liberalismo mas gostaria de pensar que talvez nos fosse útil definir com precisão e segurança o "estado social" que queremos e podemos ter sem cair na tentação de continuamente o alargar ao sabor das circunstâncias, das pressões corporativas ou dos favores públicos. Por exemplo: não percebo por que é que pessoas de bom nível económico tem direito ao mesmo desconto nos medicamentos do que um salário mínimo. Não percebi por que é que um inquilino rico tem a mesma protecção do que um pobre. E nunca percebi por que é que um senhorio pobre tem menos direitos do que um inquilino rico.

Poderia levar esta lista até ao infinito mas creio que se percebe o que pretendo.

Acho que desde há dois séculos pelo menos andamos a arranjar remedeios para uma

doença grave e crónica. Algum dia virá em que a doença se converte em mortal. E depois?

mcr a 17 de Março de 2011 às 15:56

[responder](#) | [link do comentário](#)

[Comentar post](#)